

4

A CONSTRUÇÃO DO OLHAR ANTROPOLÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE²

RESUMO: O projeto apresenta experiência desenvolvida na disciplina Antropologia da Educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. A partir da utilização de recursos da pesquisa antropológica no ensino da disciplina, entre os quais, a observação participante e escrita de diários de campo, produziu-se a desnaturalização do fenômeno “dar/assistir aula” e, em consequência, constatou-se que a metodologia do *estranhamento do familiar* possibilita não apenas a constituição de uma forma específica de enxergar e lidar com o “outro”, como também de observar-se e lidar consigo próprio. Alcançou-se, assim, o objetivo tanto do aprendizado dos conteúdos da disciplina, como da reflexividade, habilidade indispensável a toda formação docente, particularmente a do futuro professor da educação básica.

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC); bernadetebeserra@yahoo.com.br

² Este projeto não teria sido possível sem a colaboração dos alunos, monitores e estagiários em docência do Ensino Superior, com quem compartilho o prêmio: Leiry Kelly de Oliveira, Elaine Almeida, Carlos César Lacerda, Virgínia Tavares, Bruna Ramos, Joice Pires, Arnaldo Lopes Bezerra, Sílvio Dias da Silva Jr., Herlon Bezerra, Yuri Sales e Wellington Silva.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA: BREVE HISTÓRIA DO PROJETO

Ao longo de quase 20 anos ensinando Sociologia da Educação e, nos últimos dez, Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação e Antropologia da Educação,

desenvolvi estratégias que me provaram possível o seu aprendizado prático e a demonstração, também prática, da sua importância na formação do professor.³ Sendo disciplinas que reivindicam uma familiaridade com o pensamento abstrato não suficientemente desenvolvida durante o ensino básico, o contato inicial com elas, em geral, provoca reações bastante variadas.

A familiarização com o pensamento abstrato é em si um desafio, mas as Ciências Sociais apresentam mais do que apenas esse desafio, uma vez que oferecem os instrumentos para uma análise crítica da vida em sociedade e, particularmente, da instituição escolar. Inspirada pela leitura de Bourdieu,⁴ sempre incito meus alunos à superação do que Bachelard (1975) chamou de “obstáculos epistemológicos” e, juntos, empreendemos o desafio de separar o conhecimento comum, opiniões, preconceitos, avaliações relacionadas à sua posição social e econômica, do conhecimento teórico, científico, que deve estar comprometido com a busca de uma compreensão rigorosa do mundo,⁵ indispensável ao trabalho de futuros docentes da educação básica.

Apresentadas desse modo, as disciplinas mencionadas anteriormente reivindicam um engajamento efetivo e isso é, muitas vezes, desestabilizante, já que a realidade educacional, aquela sobre a qual eu e meus alunos nos debruçamos, é objeto da fantasia e esperança de todos, o que torna a tarefa do cientista social ainda mais difícil, pois deve construir seu conhecimento *apesar de e contra* o senso comum; *apesar de e contra* a realidade.

No ensino dessas disciplinas, jamais me interessou refletir apenas abstratamente sobre categorias do pensamento social ou aspectos do sistema educacional brasileiro, como políticas educacionais, preconceito de classe, racismo, sexismo e homofobia na escola, ou, por outro lado, como tenho visto em encontros acadêmicos, refletir sobre a diferença cultural fora da escola, caso de professores de Antropologia que buscam o “outro” em territórios específicos e distantes da escola, como os terreiros de candomblé, tribos indígenas, etc. Diferentemente de tal perspectiva, sempre achei mais importante que os alunos refletissem sobre a alteridade e as consequências que o encontro com ela produz, a partir de suas próprias histórias e, principalmente, da observação e análise das relações que estabelecem na escola e que influenciam no seu êxito ou fracasso na instituição. Nesse sentido, minha docência sempre se deu na direção proposta por Pedro Demo (1996) e Antônio Joaquim Severino (2008): a da desmistificação da pesquisa através da sua prática no ensino das Ciências Sociais. Em vez de lugar exclusivo de iluminados, tenho me esforçado para provar que a pesquisa pode ser ensinada e praticada com os alunos da Pedagogia e Licenciaturas, professores em formação. Porém, ao mesmo tempo que me esforço para desmistificá-la, também procuro não banalizá-la, uma vez que, como afirmei anteriormente, um dos desafios nessa área é a separação da “mera opinião” do conhecimento rigoroso, fundamentado em teorias e dados.

Tendo as disciplinas Antropologia da Educação e Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação o mesmo desafio da construção de um olhar antropológico, tenho exercitado a estratégia metodológica *do estranhamento do familiar*, que consiste, no caso, em identificar e se indagar sobre os processos de socialização que nos constituem e nos fazem o que somos, com o objetivo de desnaturalizá-los, transformando-os em objetos de reflexão. Nessa perspectiva, ofereço elementos para que os alunos percebam, por exemplo, como as relações de poder e dominação se constituem e se naturalizam, inclusive, ali mesmo, nas diversas relações professor-aluno mediadas pelo contexto institucional de cada curso. Desse modo, como expliquei anteriormente, o conhecimento, que com eles construo ou movimento, está longe de ser apenas um conhecimento formal, que começa e termina no âmbito da disciplina. O que lhes ofereço são os rudimentos de uma teoria social que pode ser utilizada como um

3 Ver Beserra e Lavergne (2012).

4 Conforme pode ser visto nas Referências, são várias as obras do autor que me inspiram a buscar uma didática que rompa com o modelo dominante de educação e que efetivamente ofereça ao aluno das classes populares a possibilidade de ampliação do seu *capital cultural*, refiro-me aqui especificamente ao prefácio da edição brasileira de *Razões práticas: sobre a teoria da ação* (2008).

5 Pierre Bourdieu construiu seu método sociológico baseado nos princípios da construção do objeto científico, propostos por Bachelard na obra *O novo espírito científico* (1975). Como Bachelard, ele considera que para a produção do conhecimento sociológico é fundamental a superação de pelo menos dois “obstáculos epistemológicos”: a realidade tal como se apresenta empiricamente e o senso comum do próprio investigador, do próprio cientista.

instrumento de conhecimento, afirmação e crítica. Um conhecimento que, nas palavras de Bourdieu (2008, p. 8, grifo meu), funciona como

[...] um guia prático que é preciso aplicar a uma prática, isto é, a uma pesquisa prazenteira, liberta de proibições e divisões e desejosa de trazer a todos esta compreensão rigorosa do mundo, *que é um dos instrumentos de libertação mais poderosos com que contamos.*

Diante dos desafios que hoje se apresentam ao magistério em todos os níveis e do propósito das disciplinas citadas de preparar o professor em formação para lidar com eles, tenho cada vez mais desenvolvido estratégias de ensino que incluem a pesquisa e a prática da autoavaliação, requisitos indispensáveis à formação do professor crítico-reflexivo, perfil de egresso almejado pela maioria dos cursos de Pedagogia do país (OLIVEIRA, 2016).

Nas experiências mais recentes com o ensino da disciplina Antropologia da Educação, tenho me desafiado e aos meus alunos a refletirmos antropologicamente sobre as nossas próprias práticas escolares. Inclusive porque, como Florestan Fernandes (1989, p. 23), também vejo a sala de aula como o espaço por excelência de experimentação “da prática escolar humanizada, de liberação do oprimido, de descolonização das mentes e corações de professores e alunos e de integração de todos nas correntes críticas de vitalização da comunidade escolar”. Nessa perspectiva, instigo-os a compreender seus interesses, limitações e potenciais como resultantes de suas histórias familiares e escolares.

Ao final de cada semestre, comovem-me os resultados alcançados. Alunos que se acreditavam sem qualquer interesse pela leitura, reflexão ou escrita, pedindo permissão para se alongarem em seus textos além dos limites por mim propostos, pois querem e precisam escrever mais, falar mais para entender melhor o mundo em que estão enredados e sobre o qual jamais haviam refletido sociológica ou antropologicamente. Alunos, antes tímidos, pedindo a palavra e contribuindo para a ampliação do conhecimento do grupo. Alunos, antes indecisos sobre a docência, encontrando um sentido para ela, decidindo-se na sua direção, aceitando a responsabilidade que também têm com a própria formação profissional e, sobretudo, aprendendo a distinguir entre o compromisso efetivo com a produção do indivíduo educado, do cidadão, e a mera violência simbólica.⁶

Dos vários experimentos teórico-práticos nas citadas disciplinas, surgiu a ideia de um projeto intitulado “A construção do olhar antropológico na formação docente”, cujos objetivos e detalhes da realização são apresentados a seguir.

CONTEXTO: DOS OBJETIVOS DO PROJETO, DAS CARACTERÍSTICAS DA TURMA E DOS CONTEÚDOS PRIORIZADOS

Em 2012, o projeto foi submetido ao Departamento de Fundamentos da Educação e à Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de realizar um trabalho didático que favorecesse o aprendizado dos conteúdos básicos previstos na ementa de Antropologia da Educação, disciplina oferecida no segundo e terceiro semestres do curso de Pedagogia, turnos noturno e diurno, respectivamente. Embora os resultados da sua implementação tenham sido semelhantes desde o seu início, em função do regulamento deste concurso, apresentarei aqui apenas os resultados alcançados no primeiro semestre de 2015, com os alunos do curso diurno. O projeto, portanto, teve a mesma duração da disciplina, ou seja, de 27 de fevereiro a

⁶ Refiro-me a Levinson, Foley e Holland (1996) e Beserra, Oliveira e Santos (2014).

10 de junho de 2015. Além da monitora selecionada para aquela turma, Joice C. de Oliveira Pires, contei com a colaboração de Sílvio Roberto D. da Silva Jr., mestrando em estágio de docência do ensino superior vinculado ao Eixo Temático Antropologia da Educação, que coordeno, com o prof. Alcides Gussi, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Rafael Bruno P. Domingos, cuja dissertação se baseava em pesquisa sobre o ensino das Ciências Sociais em outros cursos, também esteve presente, em trabalho de observação participante.

Mais do que oferecer um sentido prático que justificasse o interesse e o aprendizado dos conteúdos da disciplina, o projeto também tinha o objetivo de colaborar com a superação de problemas de formação trazidos do ensino básico, especialmente os relacionados à leitura e escrita. Desse modo, as atividades didático-pedagógicas previstas para o monitor eram as seguintes: colaboração no planejamento e dinâmica das aulas; coordenação de grupos de estudo com o objetivo de aprofundar a compreensão das categorias teóricas estudadas na disciplina; auxílio na orientação dos alunos na escrita de resumos, diários de campo e trabalho final; e observação participante da sala de aula.

Além dessas tarefas, também fazia parte das atribuições do monitor, e esta era a novidade, a escrita de um diário de campo, cujo propósito era apresentar, nas reuniões quinzenais de avaliação da disciplina, o que observara durante as aulas, particularmente os problemas de comunicação entre mim e os alunos, que podiam comprometer o aprendizado dos conteúdos. Quanto mais eu compreendia o que causava os ruídos de comunicação, mais efetiva fui me tornando na função de transformar a sala de aula num espaço de aprendizado coletivo que criava, tanto em mim quanto nos alunos e monitores, o desejo daquele encontro semanal.

As turmas de Antropologia da Educação oferecem, em geral, 45 vagas. Entretanto, naquela turma do curso diurno, primeiro semestre de 2015, apenas 34 alunos se matricularam.⁷ Destes, dois trancaram a disciplina sem sequer aparecer em sala de aula e uma foi reprovada por não realizar todas as tarefas exigidas e também por falta. As notas finais variaram de 8 a 10, sendo que 9 foi a nota mais comum. Dos 31 alunos que concluíram a disciplina, apenas seis eram do sexo masculino, confirmando o perfil nacional do estudante de Pedagogia (GATTI, 2010).

De acordo com a ementa, a disciplina Antropologia da Educação deve apresentar as “noções teórico-metodológicas fundamentais da Antropologia e as bases antropológicas e culturais da educação” (ver Anexo 1). Entre tais noções, geralmente estão as de cultura, aculturação, etnocentrismo e relativismo. A partir da elaboração e aprovação do projeto, cujos resultados aqui apresento, essas disciplinas passaram a ser estudadas com os seguintes objetivos: refletir antropologicamente sobre a escola e a educação no Brasil, enfatizando as transformações ocorridas a partir da LDB de 1996; refletir sobre o papel da escola e da família na construção de uma ordem simbólica que fundamenta e explica visões de mundo, representações sociais e o próprio desempenho escolar; refletir sobre os processos de diferenciação produzidos pelo clientelismo, etnocentrismo, racismo, sexismo e outros instrumentos de discriminação presentes na sociedade e na escola; e construir um olhar antropológico, ou seja, “praticar” os conceitos antropológicos a partir de uma pesquisa etnográfica na escola.

O conceito de cultura, por exemplo, é trabalhado no sentido de também servir de instrumento de elaboração crítica sobre a própria trajetória de vida, inclusive do desempenho na disciplina. Por que alguns alunos aprendem *mais facilmente* do que outros? O desafio é compreender a cultura de uma forma prática, o que de fato ocorreu, pois aprenderam que, além das diferenças relacionadas a gênero, raça, idade e

⁷ A redução no tamanho das turmas do terceiro semestre reflete a evasão nos dois semestres anteriores, ou trancamento provisório de matrícula.

religião, há um conjunto de outras, mais sutis, que também interferem no aprendizado e com consequências ainda mais nefastas porque não reconhecidas. *Cultura* deixa de ser apenas um conceito antropológico, cujo aprendizado serve ao envaidecimento pessoal, para se transformar em instrumento de conhecimento deles próprios e das histórias que os levaram ali, ao curso de Pedagogia. Sempre busco demonstrar, por meio de várias leituras e exemplos, que cultura tanto é um conceito antropológico como algo mais concreto, mais prático, resultante do próprio processo de aprendizagem que simultaneamente nos socializa e individualiza; que, ao mesmo tempo que nos torna humanos, também nos limita; ao mesmo tempo que nos aprisiona, também pode nos libertar.

Quanto ao desenvolvimento da disciplina, na primeira aula, apresentei o programa (Anexo 1), inclusive os textos e filmes que estudaríamos e expliquei que a avaliação do aprendizado ocorreria por meio de cinco instrumentos: resumos dos textos a serem discutidos em sala de aula; participação e observação dos debates sobre os textos; descrições das aulas em diários de campo (Anexo 2); trabalho final (Anexo 3); e avaliação final (Anexo 4). A condição para a participação no debate era a leitura prévia do texto, desincentivando a disseminação sem fim do senso comum e estimulando o aprendizado do conhecimento científico, no caso, antropológico. A seguir, são apresentados outros detalhes importantes da realização do projeto.

TRANSFORMANDO SALAS DE AULA EM “COMUNIDADES DE PRÁTICA”

Em 2015, quando ministrei a disciplina, já conhecia superficialmente a teoria de Jean Lave (1988) sobre o caráter social da aprendizagem. Baseada em pesquisa desenvolvida entre alfaiates na Costa do Marfim, a antropóloga conclui que a aprendizagem é um processo contínuo, desenvolvido a partir das nossas experiências de participação na vida cotidiana. Tal teoria contraria os pressupostos subjacentes à educação escolar ocidental, de acordo com os quais a aprendizagem é um processo individual, com começo e fim, separado do resto das nossas atividades e resultante do ato de ensinar. Permite também enxergar com mais clareza a artificialidade da relação ensino-aprendizagem nas escolas ocidentais, tal como usualmente proposta, particularmente no Brasil, onde, segundo Fernandes (1989, p. 22), o autoritarismo que atravessa todas as instituições reduz o professor ao papel de transmissor passivo do conhecimento importado e os alunos a tábulas rasas e, mesmo onde se alcançou um padrão de qualidade sofrível, “foi às custas de uma relação repressiva entre professores e alunos que deforma a ambos”.

A partir da compreensão *prática* desses fatos, decidi reforçar procedimentos didáticos que nos conduziriam no sentido de transformar a sala de aula numa “comunidade de prática”. De acordo com Lave e Wenger (1991), propositores do conceito, a aprendizagem situada (*situated learning*) ocorre mediante o engajamento do aprendiz numa “comunidade de prática”, isto é, um grupo de pessoas que compartilham um ofício. Formadas espontaneamente em função da realização de variadas tarefas, tais comunidades também podem ser criadas deliberadamente, com o objetivo do desenvolvimento do conhecimento numa área específica. Os seus membros aprendem uns com os outros por meio do compartilhamento das suas experiências e, nessa troca, todos se desenvolvem.

De fato, a sala de aula tornou-se uma espécie de templo onde, devidamente instruídos pela leitura anterior dos textos, todos tinham a possibilidade de encarnar a posição

de “Jesus entre os doutores”. A leitura do material designado, o resumo e a escrita do diário das aulas eram tarefas obrigatórias para todos. Eu já conhecia a dificuldade que muitos têm com a leitura de textos mais abstratos, porém pedia que se esforçassem para ler o que pudessem e tirarem dúvidas diretamente comigo, por *e-mail* ou na sala de aula, e também no grupo que Joice, a monitora, criou no *facebook*, para compartilhar informações, interpretações, dúvidas e materiais relacionados à disciplina. A leitura era valorizada também no sentido de que os resumos recebiam pontos que contribuía para o alcance de uma nota final melhor, o que é uma preocupação permanente de todos.

Já a participação em sala de aula era facultativa, uma vez que experiências anteriores nos haviam mostrado que muitos alunos se sentem desconfortáveis ante a ideia de falar em público. Os diários tornaram-se particularmente importantes para estes, pois era o espaço onde, afinal, conseguiam se expressar. Infelizmente, fui a única a conhecer a fala de todos, pois, a não ser excepcionalmente, não se sentiam confortáveis com o compartilhamento coletivo dos seus escritos. A certeza de que seriam *lidos*, porém, tornava-os mais motivados e cuidadosos com os trabalhos que faziam, mostrando não apenas a importância, mas também a necessidade de uma avaliação contínua e cuidadosa e, sobretudo, o aspecto social da aprendizagem: o aprendiz não quer aprender por aprender ou para alcançar *um futuro melhor*; necessita, ao contrário, de um propósito tangível e mais imediato, seja o de agradar ao pai ou ao professor, seja *fazer bonito* em sala de aula.

Na avaliação final, todos confirmaram que os meus comentários sobre seus trabalhos foram indispensáveis para criarem a confiança de que não estavam *trabalhando à toa*;⁸ de que seu esforço e criatividade seriam reconhecidos. A correção dos erros de gramática e os meus comentários sobre a compreensão e utilização dos conceitos os guiavam no sentido de saber em que precisavam melhorar. Quanto mais seguros da compreensão das leituras e das reflexões desenvolvidas nos resumos, mais se arriscavam no debate em sala de aula. Muitos, antes intimidados pelos próprios colegas mais desenvolvidos, passaram a perceber que alguns destes nem eram tão “superiores” como pareciam e, muitas vezes, apenas resenhavam o senso comum, atitude tão mais arriscada quanto mais o conhecimento de todos sobre os temas em estudo se aprofundava. Essa percepção, desenvolvida ao longo da disciplina e que me era dada a conhecer a partir da leitura dos seus diários, encorajava-os a se arriscar mais e a espontaneamente também participar do debate. Algumas vezes, convidei diretamente um ou outro, mas sem a imposição da obrigatoriedade. Pouco a pouco, entenderam a importância da fala no grupo, tanto do ponto de vista do fortalecimento da autoestima, como do enriquecimento do debate e, conseqüentemente, desenvolvimento de todos.

Aos poucos, a sala de aula foi tornando-se maior do que os indivíduos que a compunham, do que os grupinhos, do que os monitores e do que a professora. Quanto mais confiantes se sentiam comigo e entre si, mais o aprendizado intelectual naturalizava-se naquele encontro semanal promovido pela obrigatoriedade da disciplina, porém, cada vez mais impulsionado pelo desejo de conhecer e ter um lugar no grupo. Outro aspecto importante da prática desenvolvida é que jamais permiti que a fala se concentrasse em apenas alguns alunos. Todos, indistintamente, podiam contribuir e procurei garantir isso, mostrando aos mais participativos a importância da participação de todos. É óbvio que tal situação nem sempre agradou a todos, mas permitiu alcançar o objetivo de demonstrar que quanto mais participantes no debate, mais vasto e diferenciado é o conhecimento produzido.

⁸ Esta é uma das mais sérias críticas que fazem aos professores e também um importante motivo para a explicação do desinteresse pelos estudos: os professores, em geral, negligenciam tarefa tão importante e, quando cobrados, apenas exercitam o seu lado punitivo.

Os primeiros textos lidos, resumidos e discutidos apresentam os conceitos básicos da antropologia e da pesquisa antropológica, que são também movimentados com os filmes (ver Anexo 1). As aulas expositivas, mais raras, quase sempre têm o objetivo de apresentação da história da antropologia ou explicação de conceitos ou teorias de disciplinas correlatas. Nesse caso, somente ocorreram quando observei a fragilidade ou ausência do conhecimento sociológico ou filosófico indispensável à compreensão dos textos que compõem a bibliografia básica.

Os textos mais ligados aos efeitos da cultura de classes na escola são apresentados em seguida à compreensão dos conceitos básicos da antropologia e da pesquisa antropológica. Também são exercitados com exemplos de filmes e de experiências individuais mostrados por mim ou pelos alunos ou monitores. Ao final, com o propósito de que mais uma vez utilizem os conceitos estudados para refletirem sobre suas realidades, proponho o trabalho final, sobre a trajetória familiar/escolar que os levou à Pedagogia (ver Anexo 3). Tal trabalho, no semestre referido, substituiu o relatório de pesquisa que, em semestres anteriores, era desenvolvida, a partir da observação de aspectos do próprio curso de Pedagogia.⁹

AValiação e AUTOAValiação: UMA CAIXA DE PANDORA CHEIA DE SURPRESAS E ESPERANÇA

Como brevemente explicado, a avaliação da aprendizagem dos estudantes foi sistemática e progressiva: os resumos foram avaliados pelos monitores, com notas que variaram de 0 a 10 e com comentários explicando porque as alcançaram. Já os diários de campo ficaram sob minha responsabilidade. No início de todas as aulas, eu utilizava entre 10 e 15 minutos para fazer comentários gerais e oferecer mais instruções sobre a sua escrita. A nota final, portanto, não surpreendeu ninguém, a não ser em casos de alunos cuja autoestima era tão frágil que, mesmo tendo tido um bom desempenho, ainda continuavam apreensivos. Ana foi um desses casos. Após ler, contente, o seu trabalho final, enviei-lhe *e-mail* parabenizando pelo bom desempenho na disciplina e indagando sobre a razão de apresentar dúvidas sobre a qualidade do seu trabalho. Ela respondeu:

Boa noite professora. Tive uma grande surpresa ao ler o seu email. Estava na Faculdade, ia fazer uma prova de psicologia e estava desesperada, já que não tinha estudado [...] Ainda bem que eu estava sozinha na sala quando seu email chegou, pois chorei descontroladamente. Na noite anterior estava num conflito muito grande comigo mesma, e já tinha decidido parar a Faculdade e procurar outro emprego que ganhasse mais. Mal pude acreditar que eram pra mim aquelas palavras. Acho que nem minha mãe me falou algo dessa natureza (falou/fala com atitudes, mas nunca com palavras). Talvez esse seja um dos motivos pra não acreditar em mim mesma, e pra não conseguir acreditar que eu sou umas das melhores alunas da turma. Sei que tem pessoas excepcionais na turma, e desde que entrei no curso nunca consegui me igualar a eles. Acho que por ser sempre tratada como inferior (por avós, tias, primos...), acabei me acostumando e acreditando na ideia.

O trecho acima também mostra que a disciplina ofereceu um espaço efetivo de aproximação entre mim e os alunos. Porém não tenho nenhuma dúvida de que a colaboração da monitora e do estagiário em docência permitiu que esse tratamento individualizado aos alunos fosse mais efetivo.

⁹ A principal motivação para eleger o próprio curso como espaço de pesquisa e reflexão foi a falta de tempo dos alunos, uma vez que muitos trabalham e não têm condições de desenvolver uma observação sistemática em outras instituições educativas.

Outro aspecto importante dessa avaliação, que utiliza diários de campo e trabalhos que fazem os alunos se voltarem para si próprios, é que ela desperta o desejo da *autoria*, ao mesmo tempo que desencoraja o plágio, problema cada vez mais comum.

O projeto, afinal, conforme expliquei em artigos que tenho escrito sobre a experiência,¹⁰ produz resultados extraordinários para todos com ele diretamente envolvidos. Jamais acreditei possível aprender tanto sobre mim, sobre a docência, sobre o aluno, o professor, o curso de Pedagogia e a educação brasileira, como tenho aprendido com essas “comunidades de prática” em que se têm transformado as turmas da disciplina Antropologia da Educação desde que criei este projeto.

Apesar de os alunos se envolverem com a disciplina da maneira que as suas histórias de vida permitem, a avaliação que em geral fazem é muito positiva, como as apresentadas no Anexo 4 e nos depoimentos a seguir:

[...] Agora que a disciplina está acabando, eu tenho a sensação de que ainda tenho muito pra aprender, mas com o pouco tempo que tive, pude absorver muita coisa, inclusive mais do que aprendi em outras disciplinas. Aprendi mais que pronunciar corretamente o nome de Pierre Bourdieu. Diria, nos termos que nos foram passados durante este semestre, que aumentei meu capital cultural, resgatei meu prazer em escrever e expandi a minha vontade de ler. Agora conheço melhor o mundo que me cerca e entendo melhor a mim mesmo. Acredito que boa parte dessa mudança se deve ao conteúdo que foi estudado, não acho que tivemos poucos textos ou filmes e nem muitos, tivemos o que era preciso pra aprender o que aprendemos. Fazendo uma análise qualitativa eu diria algo parecido com o que falei em relação ao quantitativo, todos os textos se encaixavam e criavam uma espécie de degrau, onde eu mesmo como aluno, ia apoiando os pés para poder chegar até o final, com exceção do filme japonês, Rashomon, que tivemos que assistir, este, além de sacal e tedioso, não contribuiu em nada para minha formação. Quanto às demais obras, todas foram de excelente qualidade e bem convenientes aos temas estudados. (Francisco, 33 anos)

De início a quantidade de atividades, textos e filmes me incomodou. Até me sufocou um pouco, mas, estou até sentindo falta, pois, a metodologia utilizada na disciplina me ajudou a refletir mais, questionar mais sobre a educação, a universidade, a minha prática como estudante e futura pedagoga. A disciplina me permitiu enxergar as contradições. Foi tudo muito bem planejado. A professora foi sempre muito clara em todas as aulas. O conteúdo foi muito bem exposto e nós, alunos, sempre tivemos muita oportunidade para expor nossas opiniões. A forma de avaliação foi sempre muito clara e a professora foi sempre muito honesta com a gente. Os monitores sempre foram muito abertos para nos ajudar em todas as nossas dúvidas e dificuldades, são bem preparados para as atividades, têm bastante conhecimento e são muito simpáticos. Adorei a oportunidade de debate que havia nas aulas tanto da professora, como dos monitores. O conhecimento foi construído por parte de todos e isso foi bem legal. Adorei o relacionamento de amizade que construímos e foi tudo muito natural. Essa disciplina me fez ver que eu posso ir além do que eu imaginava, me sinto bem mais capaz. Acho que me

10 Ver Beserra (2015), Beserra e Lavergne (2015) e Beserra e Lacerda (2015).

esforcei o máximo que pude, procurei participar bastante e agradeço por todas as palavras ditas que serviram para o meu crescimento pessoal e profissional. Contudo, atribuo à minha participação nota 9 porque acredito que sempre é possível melhorar. A nossa turma foi dez porque nós nos demos a oportunidade de aprender com a professora. Deixamos de lado os comentários que ouvimos sobre a disciplina e isso foi excelente porque nós crescemos com a disciplina, nos tornamos mais fortes, mais questionadores, ganhamos uma grande professora e, pelo menos eu, me apaixonei pela Antropologia.¹¹ Tenho só elogios. Muito obrigada por tudo. Foi excelente!!! (Gabriela, 22 anos)

Também foram bastante positivas as avaliações dos monitores. Sílvia, o mestrando estagiário, explicou nos seguintes termos o impacto da disciplina sobre a sua prática docente:

Visceral, assim posso descrever a experiência vivida durante esse estágio de docência [...] Descrevo como visceral porque, apesar de mais de uma década de atuação como professor em todos os níveis, da educação básica ao ensino superior, tanto na iniciativa pública como privada, não me sentia preparado para a metodologia proposta por Bernadete, visto que, entre outras coisas, pela primeira vez, seria avaliado no momento mesmo de minha atuação, através dos diários que os alunos escreviam sobre as aulas [...] Impressionante.

Mas são provavelmente as reflexões desenvolvida por Yuri Sales (2016), em trabalho apresentado em minicurso que organizamos para a 30ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, que melhor sintetizam a inovação da experiência educativa desenvolvida na disciplina. Após revisão bibliográfica de estudos sobre a utilização dos diários de campo como recurso didático, ele observa que a singularidade da experiência que desenvolvemos na disciplina reside na utilização desse recurso para *estudar o próprio contexto escolar*, no caso, a Faculdade de Educação ou a sala de aula da disciplina Antropologia da Educação.

De fato, a experiência da observação de nós próprios e do contexto escolar mais geral de que participamos produziu consequências teóricas e práticas bastante interessantes. Ele percebe, tal como Sílvia já havia percebido, que não é sem consequências a utilização do diário de campo para a sistematização das observações da sala de aula: também o professor, ou principalmente ele, está sob a observação/avaliação do aluno, o que se transforma num instrumento potente de avaliação não apenas da aprendizagem do aluno, mas também da própria didática do professor. Sales (2016, p. 5) avança na compreensão do caráter inovador da experiência quando observa que os diários de campo, fontes de aprendizado mútuo, “complexificam a posição de objeto ocupada pelo estudante, usual numa pedagogia *tradicional*”. Para o autor, o estudante “ocupa a posição de objeto (por exemplo, quando é avaliado e recebe uma nota), mas também a de sujeito (quando descreve, avalia e reflete sobre a dinâmica da aula)”. Já o professor, prossegue, “geralmente na posição de sujeito, passa a vivenciar o lugar de objeto (quando enxerga a si através do olhar do estudante sobre sua prática docente)”. Conclui o raciocínio, afirmando que

[...] este intercâmbio de papéis torna as relações de poder mais explícitas e, conseqüentemente, mais próximas à reflexão, sem ter que propor a

¹¹ Gabriela se refere a focos produzidas em função da repercussão interna do projeto. Nos primeiros semestres da sua realização, entre outros temas, alguns alunos escolheram estudar práticas docentes, o que incomodou bastante alguns professores e produziu toda uma movimentação contrária à continuidade do projeto nos termos propostos inicialmente, isto é, incluindo pesquisa etnográfica da unidade acadêmica. Após esses problemas, tenho me concentrado na pesquisa da própria aula da disciplina, o que passou a produzir efeitos ainda mais positivos no que se refere a uma antropologia da aprendizagem. Ver Beserra e Lavergne (2015).

estabilidade de uma horizontalidade de poder na relação entre discentes e docentes, bandeira de muitas vertentes pedagógicas. (SALES, 2016, p. 5)

Além disso, acrescenta Sales (2016, p. 5):

Pedagogia e Antropologia se imbricam e se transformam a partir do uso dos diários de campo direcionados à sala de aula e ao contexto escolar dos próprios estudantes/futuros docentes. Este imbricamento é consequência da experiência pedagógica decorrente desta singular proposta de uso dos diários de campos, pois neste caso os estudantes aprendem a observar antropologicamente tendo como objeto a dinâmica de ensino que lhes propicia o conhecimento necessário à própria observação antropológica. Dessa forma, a observação antropológica da pedagogia e o ato pedagógico de transmissão do saber antropológico não apenas ocorrem no mesmo espaço e tempo, a sala de aula, mas se constituem mutuamente. [...] O singelo ato de flexionar o olhar sobre a própria sala de aula permite que os futuros docentes, por um lado, aprendam antropologia a partir da pedagogia, já que é através da observação de padrões e traços culturais próprios do contexto de ensino/aprendizado que se interioriza o olhar antropológico, e, por outro, ainda mais raro de ocorrer, há o aprendizado da pedagogia através da antropologia, já que o estudante contextualiza a cultura do aprendizado na interseção com a escola e o Estado, abrindo espaço para a produção de novas formas de práticas docentes.

A curta duração do experimento e a sua circunscrição a uma disciplina obrigatória não permitem esquecer o seu modesto e limitado alcance na perspectiva da sua transformação em método didático a ser utilizado mais amplamente. Consciente da necessidade de continuar o projeto e, se possível, ampliá-lo, concluo esta avaliação afirmando, como já fiz alhures (BESERRA; LAVERGNE, 2015), que a desnaturalização gradativa do fenômeno “dar/assistir aula”, alcançada por meio do exercício do estranhamento do familiar, não permite apenas a constituição de uma forma específica de enxergar e lidar com o *outro*, mas, principalmente, de lidar consigo próprio, observar-se nas práticas cotidianas, construindo, desse modo, a reflexividade indispensável a toda formação docente, particularmente a do futuro professor da educação básica.

REFERÊNCIAS

- BESERRA, B. Da antropologia da educação a uma didática antropológica. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 5.; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2015, Maceió. *Anais...* Maceió: Edufal, 2015.
- BESERRA, B.; LACERDA, C. C. A pesquisa etnográfica em sala de aula: o WhatsApp e outras descobertas. *Diálogos nas fronteiras: a educação como objeto de investigação na antropologia*. Horizonte, 2015. In: WORKSHOP INTERNACIONAL.
- BESERRA, B.; LAVERGNE, R. Exotizando o dar/assistir aula: contribuições da etnografia à formação de professores. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 11., 2015, Montevideo. *Anais...* Montevideo: Universidad de la Republica Uruguay, 2015.

- BESERRA, B.; OLIVEIRA, L. K.; SANTOS, C. Entre o populismo docente e o dom da fala discente: problemas do ensino básico que sobrevivem à formação superior em pedagogia. *Revista Dialectus*, Fortaleza, v. 2, n. 5, p. 150-165, 2014.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2008.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FERNANDES, F. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.
- LAVE, J. *Cognition in practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LEVINSON, B.; FOLEY, D.; HOLLAND, D. (Org.). *The cultural production of the educated person*. New York: Suny, 1996.
- OLIVEIRA, K. *Ser ou não ser professor: culturas de formação docente no curso de pedagogia*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- SALES, Y. Diários de campo para campos minados: o olhar antropológico voltado ao próprio contexto escolar como estratégia para a formação docente. Antropologia em pesquisas na universidade e na escola pública. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., João Pessoa, ago. 2016.
- SEVERINO, A. J. *Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. (Cadernos de Pedagogia Universitária, 3).

ANEXO 1

Universidade Federal do Ceará

Faculdade de Educação

Departamento de Fundamentos da Educação

Disciplina:	Antropologia da Educação
Semestre:	2015.1
Professora:	Bernadete Beserra
Mestrando Estágio Docência:	Sílvia Dias
Monitora:	Joice Pires

EMENTA:

Introdução aos conceitos e noções que fundamentam o conhecimento antropológico e a sua aplicação no campo educacional: cultura, identidade, diversidade cultural, etnocentrismo, relativismo cultural, colonialismo, racismo e multiculturalismo.

OBJETIVOS:

Oferecer os instrumentos para uma reflexão antropológica sobre a escola e a educação no Brasil, enfatizando as transformações ocorridas a partir da LDB de 1996;

- Refletir sobre o papel da escola e da família na construção de uma ordem simbólica que fundamenta e explica visões de mundo, representações sociais e o próprio desempenho escolar;
- Refletir sobre os processos de diferenciação produzidos pelo clientelismo, etnocentrismo, racismo, sexismo e outros instrumentos de discriminação presentes na sociedade e na escola;
- Construir um olhar etnográfico a partir do exercício de uma pesquisa na escola.

CONTEÚDO:

1. Antropologia: o método etnográfico

- Contexto de emergência da antropologia: o colonialismo europeu
- A revolução do funcionalismo e o método etnográfico
- Instrumentos da pesquisa: o diário de campo, a fotografia, a entrevista e o questionário

2. Antropologia: conceitos básicos

- Sociedade, cultura e aculturação
- Colonialismo, etnocentrismo e relativismo cultural
- Os sistemas simbólicos, as ideologias e a escola
- Dominação, conservação e capital cultural
- Racismo, sexismo, populismo e outras expressões ideológicas da dominação

3. Antropologia da Educação

- Escola e reprodução social
- Família e *habitus* mental
- A pesquisa antropológica na escola
- A antropologia da educação no Brasil

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BESERRA, B.; LAVERGNE, R. Heroína ou Vilã? Notas sobre uma experiência de ensino de Sociologia da Educação. In: CHAGAS, E.F. et al. (Orgs.). **Indivíduo e Educação na crise do capitalismo**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BESERRA, B.; OLIVEIRA, K.; SANTOS, C. Entre o populismo docente e o dom da fala discente: problemas do ensino básico que sobrevivem à formação superior em pedagogia. **Revista Dialectus**, Ano 2, n. 5, dez 2014

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 1996. 39 (1).

FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FILMES E DOCUMENTÁRIOS:

Entre les murs. Direção Laurent Cantet, 2008.

O Último Samurai. Direção Eduardo Zwick, 2003.

Rashomon. Direção Akira Kurosawa. 1950.

Para o dia nascer feliz. Direção João Jardim. 2007.

ANEXO 2

Exemplos de “Diários de Campo”

(Ofereço, abaixo, dois exemplos de diários de campo. A descrição apresentada por duas alunas sobre a primeira aula da disciplina e, no caso da segunda, acrescentei mais duas anotações para que se possa entender melhor como funciona esse instrumento de aprendizado e avaliação. O ideal seria mostrar todos os diários de um único aluno para que se pudesse verificar o que afirmo no projeto. Porém o limite de páginas do anexo me impede de fazê-lo. Os alunos não estão identificados. Os textos conservam a escrita original.)

Mariana:

Aula do dia 25 de fevereiro

Percebi a turma silenciosa e atenta. Quase nada de conversas paralelas. O que me chamou a atenção foi que, apesar da didática da disciplina ser apenas a professora explicando sobre a disciplina e fazendo algumas perguntas para os alunos, estes se mantinham vidrados no assunto ministrado. Resumos, diários de campo, pesquisas, aulas intercaladas com filmes, notas de aula, formas variadas de se repassar conteúdo e avaliar o progresso do estudante. Na xerox do Marcelo, um texto para adquirir, intitulado: “Cultura, um conceito antropológico”. Eu não entendi os conceitos, mas percebi a necessidade de passar da primeira para a terceira pessoa no enredo da própria vida. E que vida é essa? Fiquei horrorizada com o texto lido em sala de aula: Ritos corporais entre os Nacirema, de Horace Miner. O texto mencionava um povo, de nome Nacirema, que possuía rituais de purificação bem esquisitos e dolorosos. Fiquei chocada com a passividade das pessoas dessa comunidade quanto à vida que levavam, repleta de dores. O que para nós não faz o menos sentido. Ao final do texto, percebemos se tratar de nós, americanos. Achei interessantíssima essa oportunidade de podermos sair desse contexto e perceber a nossa vida com outra roupagem, possibilitando-nos migrar da 1ª para a 3ª pessoa e podermos criticar uma porção de coisas, que consideramos prejudiciais. Por conta da educação que recebemos desde crianças, essa mesma educação, que deveria ser libertadora, passa a funcionar como molde na perpetuação em nós do mesmo perfil de cidadão. E através desse afastamento imaginário da situação, temos este espaço emocional onde podemos nos movimentar com certa liberdade e percebemos até onde nos convém participarmos disso tudo. Amigos responderam um questionamento da professora Bernadete Beserra sobre se cada um queria ser professor e por quê. Alguns responderam que sim e outros disseram que não, embora a maioria que estava na sala optou por não lecionar. Fazemos faculdade de Pedagogia e a maioria de nós não quer ser professor. Afinal, o que será da Educação? Vários questionamentos sobre a nossa vida e a realidade do magistério nos fizeram refletir sobre o nosso papel nessa sociedade em que estamos inseridos, no sentido de podermos escolher entre sermos perpetuadores ou transformadores dessa situação geral à nossa volta, à medida que tomamos contato com a nossa realidade por outra perspectiva, como se não fizessemos parte desse contexto. Esse afastamento nos possibilita pensarmos, o que é bem raro, já que funcionamos mais como robôs do que como humanos, já que apenas repetimos e obedecemos a comandos, sem sabermos ao certo para que e para quem servirão, quem sairá beneficiado no meio disso tudo? Infelizmente a aula acabou. Acredito que não mencionei todos os momentos, mas acredito que o tempo é muito reduzido para as diferentes abordagens sobre as nossas questões existenciais e profissionais.

Dayseane:

Diário 1: 25/02/2015

A primeira aula da disciplina de Antropologia da Educação, ministrada pela professora Bernadete Beserra, iniciou-se com a definição de antropologia e a exemplificação de termos próprios da área, como “bagagem cultural”, “traços culturais” e “pesquisa etnográfica”. Logo após as definições iniciais, foram expostos os métodos de avaliação que serão utilizados ao longo do semestre, ficando acordado que não seriam feitas provas, método avaliativo esse que é recebido com grande aversão pela maioria dos colegas, e que seriam utilizados os resumos de pequenos textos, a produção de um portfólio e a avaliação da experiência escolar, realizada em grupo. Em geral, no primeiro momento, grande parte da turma permaneceu completamente inócua, não comentando e nem questionando nenhuma informação que foi apresentada pela professora, o que mudou logo após o intervalo com a leitura do texto “Ritos corporais entre os Nacirema”.

Essa leitura deu início a uma discussão sobre a capacidade do antropólogo de desnaturalizar o natural, ou seja, tornar estranho o que é comum para nós. E, ao contrário da interpretação realizada pela maioria da turma, permaneci ao longo da leitura sem reconhecer o povo citado no texto, o que só foi modificado após o início da discussão pelos colegas, evidenciando-se a dificuldade da assimilação da antropologia para os não antropólogos.

Em seguida, finalizando a aula, a professora perguntou à turma quem iria dedicar-se à docência, o que deixou visível o alto nível de desinteresse da turma pela área, pois menos da metade dos colegas demonstraram interesse, o que levantou questionamentos acerca da desvalorização do professor. Além disso, foram realizadas comparações com a realidade educacional de outros países como a Coreia e o Japão, onde o governo realiza o acompanhamento dos alunos desde os anos iniciais e, além disso, ocorre uma alta valorização dos docentes, que são mediadores e facilitadores do conhecimento por toda a vida escolar e acadêmica dos alunos.

Diário 2: 4/03/2015

Após uma longa jornada, finalmente consigo chegar à faculdade, e já que era por volta de 7h40 a aula já havia começado. Ao me acomodar em uma das cadeiras no canto, imediatamente fui abordada pela moça que estava ao meu lado, reclamando do clima desagradável da sala enquanto se abanava com uma folha de papel. Como eu já estava acostumada com a velha história do ar-condicionado quebrado da FACED, apenas concordei com um aceno, na tentativa de não prolongar a conversa.

A lousa já estava tomada por pequenos tópicos sobre o livro do Laraia, que tomaram minha atenção, enquanto eu anotava no caderno. Logo depois, direcionei a atenção para a explicação do Sílvio, que eu estava ávida para conhecer devido aos ótimos comentários que ouvi da minha amiga sobre o trabalho dele. Quando consegui me situar na aula, percebi que ele explicava sobre o determinismo e o etnocentrismo, e sempre complementando com a sua vivência pessoal de gaúcho que é, naturalmente, super-etnocêntrico.

Durante a aula foram dados diversos exemplos da cultura gaúcha, como a utilização do chimarrão, que foi caracterizada pelo professor como um “rito de passagem”. Essas curiosidades culturais sempre chamam muito a minha atenção, e, principalmente, da região Sul em particular, pois tenho família e amigos que são de lá.

Ao longo do primeiro tempo notei poucas participações da turma, situação que

mudou completamente após o intervalo. A explanação do professor Sílvio sobre o evolucionismo suscitou a pergunta da Catarina, que questionou a real origem do homossexualismo: seria uma questão antropológica ou mero instinto? E, se duas crianças são criadas pela mesma família, seguindo os mesmos padrões, como elas podem ter orientações sexuais diferentes?

A questão perdurou por uma boa parte da aula, deixando os ânimos cada vez mais exaltados, motivo pelo qual eu preferi não me pronunciar, mas não pude deixar de ficar animada com a discussão. Já passava das onze horas quando o Rafael, aquele que passa a aula inteira observando tudo e todos, resolveu se pronunciar, expondo seu ponto de vista acerca das práticas do senso comum. Enfim, após as colocações finais da Joyce e a chuva de perguntas sobre os trabalhos, a aula chegou ao fim, me deixando com uma ótima impressão e um doce gostinho de “quero mais”.

Diário 3: 18/03/2015

Após descontar do meu precioso sono alguns minutos, que mais pareceram horas, eu consegui chegar, pela primeira vez na semana, no horário combinado pela professora. Ao me acomodar em uma das pequenas e desconfortáveis cadeiras da sala e cumprimentar rapidamente os colegas que estão próximos, eu senti o alívio de ser abraçada pela brisa artificial do ar-condicionado que, apesar de ser indispensável para amenizar o calor escaldante da nossa cidade, se tornara artigo de luxo na escola.

A sala estava com menos alunos que nos outros dias, mas o burburinho entre os colegas era intenso, o que foi imediatamente cessado quando a professora iniciou a explanação. Logo de início não pude voltar minha atenção para a aula, estava atenta ao “exército observador” da professora. Eu, por ser excessivamente curiosa, sentia um leve incômodo por não saber o que eles observam sobre nós.

Apesar de aparentar estar mais tranquila que na aula anterior, a professora apresentou as primeiras explicações muito rápido. A sua história sobre a mudança de cidade me fez lembrar do termo “referencial”, pois Campina Grande provocava crises nervosas, quando o referencial era o pequeno município de Sumé. E, ao entrar em contato com outras realidades, como Nova York, a tal cidade já não parecia mais tão assustadora assim. A evolução, como um processo traumático, é acompanhada por esses grandes “choques” que podem ser observados em vários momentos da história, por exemplo, o que aconteceu após as grandes navegações. Para a sociedade, a Terra era um plano que teria fim em um grande abismo, mas a partir da saga dos portugueses em suas caravelas, houve a quebra desse paradigma e, por conseguinte, veio a frustração causada pela desconstrução de uma crença, pois eles não encontraram um grande abismo, mas diversos outros povos e culturas em um planeta esférico... Na segunda parte da aula, a sala que estava, anteriormente, com uma leve brisa, agora mais se assemelhava a um congelador, o que colaborou com o silêncio da turma, que se manteve sem questionamentos durante toda a aula. E, apesar do silêncio e do frio, eu não pude deixar de me sentir, finalmente, à vontade.

ANEXO 3

(Em geral, os alunos respondem à questão seguinte, do trabalho final da disciplina, com textos que variam de seis a vinte páginas. O trabalho abaixo foi escolhido em função da extensão. Tive uma dificuldade enorme para fazer a escolha porque o ideal seria apresentar mais que apenas um para se ter uma ideia das possibilidades de análise que apresentam. O texto abaixo, copiado tal como recebido, é um dos trinta e um elaborados em resposta à questão: Baseada(o) na compreensão dos conceitos de capital cultural, ideologia do dom, êxito escolar, choque cultural e aculturação, explique como a sua história social (familiar e escolar) influenciou na escolha do curso de Pedagogia. Explique também como os seus “capitais” acumulados têm influenciado no seu desempenho no curso e particularmente nesta disciplina, tanto em termos de frequência, rendimento nas avaliações e participação em sala de aula. Caso tenha tido ou ainda tenha o desejo de mudança de curso, fale sobre a origem de tal desejo e a frustração de não estar fazendo o que gostaria...)

Anthony:

Sou neto de agricultores, pelo lado materno, e quanto a meus avós paternos acho que deve ser algo não muito diferente. Minha mãe foi criada numa casa no interior do Ceará com seus quatro irmãos. A casa onde ela foi criada era feita de taipa, na maior parte, apesar de possuir alguns trechos construídos com tijolos. Fui no local recentemente. Está coberto por mato e o que restou da casa é muito pouco, até o pé de tamarindo está tomado de cupim e na iminência de tombar. O terreno não é mais de minha família, meu avô vendera para desbravar a capital ainda nos anos oitenta.

Minha mãe estudava numa escola do município numa época em que não havia tantas opções de escola como hoje, pra falar a verdade naquela região só havia uma opção e era aquela escola, que não sei se seria reconhecida como escola hoje, pois era uma casa com um ou dois cômodos no meio do mato. O prédio, desativado há muitos anos, desabou, restando apenas ruínas. Ela casou-se com meu pai aos dezenove anos de idade e veio morar em Fortaleza. A história dele eu desconheço. O casamento foi ruim. E a única coisa que lembro são alguns flashes dele batendo nela com a face de um facão. Nessa época eu estava na primeira infância. Segundo minha mãe ele chegava bêbado em casa, armado com revólver e chegou até a efetuar disparos dentro de casa. Durou três anos a união. Mas os traumas permanecem. Minha mãe tem distúrbios psiquiátricos, vive à base de remédios controlados e é dominada por introspecção e desânimo. Apesar disso tem vivido como costureira até hoje. E através desse ofício conseguiu me criar.

Após a separação de meus pais fui morar no interior, com ela e meus avós, naquela casinha citada no início. Não tive passagem pelo jardim de infância ou nenhuma espécie de educação formal. Não havia isso naquela localidade. Quando viemos para Fortaleza foi que comecei a frequentar a escola. Minha mãe trabalhava em uma fábrica que proporcionava bolsas de estudos em escolas particulares e tive a oportunidade de ficar até o fim do ensino fundamental nessa rede de ensino. Quando fui para o ensino médio ela não teve condições de pagar e fui estudar no Liceu do Ceará.

Nunca fui precoce em nada que me lembre. Nem tive constância de desempenho estudantil. Em determinadas disciplinas tive mais êxito em um ano, porém, na mesma disciplina, no outro ano ficava de recuperação. E essa alternância é a única constante em minha vida acadêmica.

No fundamental I, em um ano eu contava nos dedos, discretamente claro, para responder à sabatina de tabuada. Entretanto, no ano seguinte meu desempenho mudava,

de forma curiosa, a ponto de a “tia” dizer, na competição de tabuada que ela organizava mensalmente entre meninos e meninas: Amigo, salve os meninos (com referência ao desempenho ruim do time masculino). E no ano seguinte ficava de recuperação nessa disciplina. Lembro-me que nesse período, até os onze anos de idade, tive várias professoras de reforço escolar, num esforço extra que minha mãe fazia para elevar meu “grau de estudo”. Eu as desrespeitava. Era péssimo. Eu falava palavrões (apesar de no meu lar nunca ter havido xingamentos). Hoje me envergonho daquele comportamento. Meu comportamento na escola também variava nesse período.

No fundamental II minha instabilidade continuou. Na quinta série fiquei de recuperação em redação, inglês e geometria. Não tinha uma boa letra. Por conta disso treinei, por conta própria, em cadernos de pauta dupla, a caligrafia. Melhorei bastante, até recebo alguns elogios hoje pela letra, apesar de não concordar muito com eles. Nas outras disciplinas notas variadas, nada extraordinário. Na sexta série, mudou o professor de matemática, e meu desempenho também. Com esse professor, passei a ser uma referência em equação do primeiro grau e resolução de problemas. Tive a ajuda de um primo mais velho em casa. E peguei um livro do mesmo assunto e comecei a resolver as equações, na sexta série ainda. Esse fato me marcou, pois percebi o poder do autodidatismo, que teria tanta influência em minha vida até hoje. Na sétima série, comecei a ser referência em inglês também. O professor usou músicas internacionais nas aulas. E eu já escutava, por influência de um vizinho, Air Supply, Genesis, Elton John, Beatles, Nirvana, Guns’n’roses, Roxete, etc. Eu pegava as letras das músicas e tentava traduzir em casa com um pequeno e limitado dicionário que eu havia encontrado em algum lugar. Tentava acompanhar também, o que me deu uma boa pronúncia da língua inglesa. Na oitava série, apareceram a biologia, a física e a química. Fiquei de recuperação nas três. Nesse período arrumei meu primeiro emprego: vendedor de livros de porta em porta. Quinze anos de idade. Não tive muito êxito nas vendas, mas me foi útil para superar a timidez. O meu patrão e instrutor era admirado por mim. Ele lia livros e falava bem, e “queixava”¹² mulheres “gatas”. Eu, definitivamente, queria aquilo, ser igual a ele. Isso também me influenciou bastante. Eu era, e sou, não muito atraente em porte físico. Mas a arte do bem falar me tem ajudado miraculosamente.

No ensino médio, fui para o Liceu. Uma lástima o ensino. Quase não tinha aula. Eu jogava no time de basquete, mas não tinha muito talento esportivo. Nunca tive sucesso em competições. Mas aqui acontece um fato curioso. Eu associei a fé com o jogo. Antes de ir aos treinos, que ocorriam à noite, eu ficava na sala de aula, até o horário, para não precisar pagar duas passagens, lendo um novo testamento pequeno que distribuíam na época nas escolas. Achava que, de forma mística, aquela leitura me faria receber ajuda divina para jogar melhor. Eu não consegui jogar melhor, mas passei a ler mais. Lia os livros do meu patrão. Nada de especial. Só autoajuda. Porém, geraram em mim o hábito de leitura. Muito importante para mim nos anos seguintes.

No segundo ano do Liceu, conheci um rapaz, da minha sala, que se preparava para fazer a seleção para o Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica, antiga Escola Técnica e hoje IFCE), ele zombava dos conteúdos dados pelos professores do Liceu. Sentava atrás, resolvendo exercícios de matemática e física. E ele também era filiado a uma igreja cristã evangélica, Deus é Amor, ultrafundamentalista. Comecei a andar com ele, ser influenciado, sobre estudos e espiritualidade. Ele me falou sobre algo, que, na cultura cristã evangélica, se chama batismo no espírito santo, que é uma espécie de experiência mística. Passei a ler sobre isso, na Bíblia e em comentários dela. Decidi fazer a seleção para o Cefet também. Passei, junto com ele para o curso de mecânica industrial. No terceiro ano do ensino médio, estudava em dois horários. À tarde no Liceu, e à noite no Cefet. No ano seguinte passei a estagiar na Ambev.

¹² Queixar, na gíria regional, equivale a seduzir com palavras.

Tentei entrar em Engenharia Mecânica na UFC, mas sem êxito. Entrei em Licenciatura em Física. Mas não terminei. Também comecei a fazer o curso na Casa de Cultura Alemã, da UFC. E no semestre seguinte fiz a seleção novamente e entrei na Casa de Cultura Britânica. No segundo semestre já esboçava uma fala, e não podia ver missionários Mórmons passando na rua que corria para abordá-los e tentar puxar um papo em inglês. E ia para Beira Mar também, falar com gringos. Era fascinante para mim vencer a barreira da língua.

Pela curiosidade gerada através da leitura pessoal da Bíblia, e convite de um amigo, me filiei a uma igreja evangélica, não fundamentalista, Betesda. O pastor havia feito um curso de teologia nos EUA e interpretava pregações de pastores americanos, quando estes vinham pregar aqui. Aquilo me fascinava. Eu queria aquele poder, aquele saber. Esse pastor, Ricardo Gondim, passou a ser meu referencial. Adorava vê-lo pregar com eloquência. Li dezenas de livros de teologia, inclusive alguns em inglês, apesar das dificuldades. Mas me tornei admirado na minha comunidade no assunto teologia. Eu cheguei a cursar ao mesmo tempo: alemão, inglês, graduação em Física, e seminário de teologia. Mas não gostava muito da sala de aula. Isso me prejudicou, pois não consegui terminar todos os cursos, apenas o inglês. Eu só queria estudar os “meus” assuntos. Não conseguia me disciplinar para passar nas provas. Não gostava das avaliações e atividades. Passei um bom tempo longe das salas de aula, como aluno, pois eu passei a dar aulas de teologia em algumas comunidades e também aulas particulares de inglês, matemática e física.

Sou filho único, e sempre fui dado à solidão. Minha mãe nunca teve condições de acompanhar minha vida estudantil. Ela só fazia o máximo para me manter na escola. Na minha família só um primo é formado, em história pela UFC. Trabalha como diretor de escola pública. Foi um exemplo pra mim também. Um outro primo meu é motorista de caminhão, ganha uns dois salários mínimos. Uma prima, cabeleireira, ganha relativamente bem. Não somos uma família miserável. Nunca passei fome. Mas quero passar da barreira dos cinco mil reais mensais que ninguém na família jamais ganhou. Moro com minha mãe, em casa própria, que era do pai dela e herdamos. Temos poucos bens. Pouco lazer, diversão e cultura. Porém temos café, tapioca e rapadura.

Não me vejo com vocação para alguma coisa específica. Gosto de falar, dialogar. Cheguei no curso de pedagogia como opção mais viável pela nota de corte do Enem. Mas estou gostando e pretendo terminar. Apesar de sentir algumas dificuldades. Uma delas é no campo ideológico. Quando cheguei nas humanas imaginava que haveria uma diversidade de pensar, variedade de ideias e caminhos. Me decepcionei um pouco. A base de tudo é Marx. É a gênese de tudo. A origem de todos os trabalhos e tema de todos os grupos de estudo. Adam Smith é um desconhecido. Autores como Karl Popper, José Guilherme Merquior, Rodrigo Constantino, Alexis de Tocqueville, Russel Kirk, etc. nem citados são. Só os que têm raça pura do marxismo: Paulo Freire, Henri Wallon, Vygotsky, etc. A maioria dos professores, rasos em conhecimento da vida mesmo, porque se fecharam no esquema do funcionalismo público, são mesquinhos e não inspiram. A única coisa que invejo desses professores é o salário gordo. Alguns com crises existenciais, e talvez um pouco de sadismo, criam uma relação de terror com os alunos em vez de educar. Com relação a quase nenhum professor da Faced eu já ouvi alguém dizer: quero ser igual a ele. São professores de educação que não refletem, não brilham. São opacos. Sem sal. Talvez o problema até seja meu. Minha indisciplina. Minha preguiça?

Minhas expectativas sobre o que fazer com o curso são boas. Pretendo me envolver com pesquisa. Mas ainda não sei como funciona. Não quero trabalhar com crianças

do infantil diretamente. Sei que deve haver muitas possibilidades com relação a campo de atuação. Mas não se fala muito nisso nas aulas. Alguns colegas já estão estagiando em escolas. Não sei se quero isso. Tenho vontade de fazer cursos no exterior, como alguns professores fizeram. Intercâmbio, ou algo assim. Mas só dá bolsas para alunos de engenharia.

A disciplina de Antropologia da Educação foi uma maravilha. A turma quase toda estava aflita, imaginando que viria uma professora esquizofrênica e terrorista. No entanto, houve um encanto quase generalizado pela professora Bernadete. Uma das poucas que mudou o vocabulário da turma. Agora falam em “capital social e cultural”, violência simbólica, reprodução, aculturação, etnocêntrico, etc. Bernadete encantou com sua atenção individualizada. Ela nos fez pensar no tipo de formação que estamos recebendo, formação essa que me motiva apenas a cumprir “tabela”. Ela nos impulsiona a ser diferentes. É uma pena haver apenas uma disciplina de antropologia!

ANEXO 4

Exemplo da Avaliação Final

(Ao final da disciplina, após a entrega de notas e avaliação coletiva em sala de aula, pedi que a avaliassem também por escrito, individualmente, levando em consideração os seguintes aspectos: a. Quantidade e qualidade dos textos e filmes no sentido da apreensão dos conteúdos previstos na ementa da disciplina; b. Professora (metodologias, sistema de avaliação e mais algum aspecto que julgar importante); c. Monitores (Sílvia e Joice) (mesmo itens da professora); d. A turma como um todo e a sua relação com ela ou com algum grupo, em particular (ou seja, como a turma o ajuda ou atrapalha na abertura para e no processo de aprendizagem?); e. Você (seu esforço e dificuldades ou facilidades para a leitura e elaboração dos trabalhos requisitados... e participação em sala de aula. Que nota se daria? Observação: não há limites de páginas para a avaliação. Mas pedimos que expliquem as razões por que avaliam de uma forma ou de outra. Conforme explicamos em sala, esta avaliação é importante para que eu, Sílvia e Joice possamos melhorar o nosso trabalho. Fiquem à vontade para criticar, elogiar e apresentar sugestões! Grata. Bernadete)

Adriana:

A disciplina de antropologia foi, para mim, completamente desafiadora desde o começo. Logo no primeiro dia de aula, quando a Bernadete “me apontou” para ler um trecho do artigo “Ritos corporais entre os Nacirema”, e eu, atrapalhadamente, gaguejei cada palavra do parágrafo, percebi que não seria nada fácil. Bom, realmente não foi fácil. Começou com a grande quantidade de textos que tornou-se algo muito desgastante em certos momentos, mas todos eles juntos pareceram formar uma grande passagem para o objetivo final da disciplina.

Os textos da disciplina, de um modo geral, trouxeram contribuições muito significativas para mim, principalmente o da Lorena Freitas, que me fez refletir sobre algumas concepções minhas que eram quase “intocáveis”. Acredito que merece destaque também a questão da construção do olhar etnográfico, que foi, aos poucos, sendo estruturado durante a disciplina. Com a apreensão dos conceitos antropológicos básicos e o início da construção desse olhar etnográfico, eu pude, mesmo que minimamente, desnaturalizar a minha própria realidade, percebendo os elementos envolvidos nela e, principalmente, os seus problemas.

Por isso, acredito que a proposta de diminuir substancialmente a quantidade de textos para a próxima turma não parece uma boa alternativa. Talvez, se não houvesse o desgaste com as leituras, com a escrita dos resumos e com as longas discussões, a compreensão da proposta da disciplina não ficasse tão clara ao final.

Quanto aos filmes, o meu envolvimento não foi tão grande com eles, e o aproveitamento foi igualmente pequeno. Para mim esse método não é muito efetivo, pois sinto bastante dificuldade em me concentrar nele e acabo sendo vencida pelo cansaço ou sendo atraída por outro estímulo.

Sobre os monitores, devo falar de cada um separadamente. Em relação ao Sílvia, acho que durante o percurso da disciplina ficou evidente a sua transformação, ou melhor, a sua desconstrução. No começo a sua postura ainda parecia bastante inflexível, fazendo que as discussões entre ele e a turma tivesse, muitas vezes, um tom agressivo. Depois, até o seu tom de voz mudou, parecia agora mais tranquilo e seguro, e o resultado disso foi refletido claramente no comportamento da turma; nós ficamos muito participativos durante as suas aulas.

Em relação à Joyce, acredito que a sua participação poderia ter sido maior durante a disciplina. Compreendo que aceitar o desafio de falar em público é, realmente, muito

difícil, mas ela poderia ter suportado essa angústia e colaborado com a nossa construção/desconstrução.

No que diz respeito à turma, eu considero que a nossa relação de companheirismo foi imprescindível para o processo de construção desses novos conhecimentos. As produções dos diários, em particular, foram envoltas por muitas trocas entre nós. E, em muitos momentos durante a disciplina, quando estávamos completamente esgotados, nós recorriamos uns aos outros, nos apoiando para não ficarmos pelo meio do caminho.

Bom, agora sobre mim, primeiramente, a nota que eu me dou é um dez. Dou-me uma nota máxima porque tremi da cabeça aos pés, me angustiei, gaguejei, mas eu aceitei o desafio e me superei; me pronunciar enquanto mais de 30 pares de olhos me observavam atentamente foi uma das tarefas mais árduas que eu já enfrentei. Mas preciso dizer que aceitar o convite da antropologia foi uma das minhas melhores escolhas, entrar de cabeça nessa disciplina desafiante foi uma experiência única que me deixou com um gostinho de “quero mais”.

Enfim, à Bernadete eu devo agradecimentos, muitos agradecimentos. Em suas aulas eu não aprendi “só antropologia”, aprendi sobre mim mesma e sobre a vida. Aprendi que eu posso escrever sobre o meu dia e me libertar das minhas angústias, que eu posso ler autores difíceis e fazer uma boa poesia. Aprendi que o Tylenol faz muito mal à saúde, e que alguns momentos controlando a minha respiração podem me livrar da dor de cabeça. Aprendi que falar é muito fácil, difícil mesmo é suportar ser ouvido por alguém. Eu aprendi também que a hora de agir é agora, pois nós nunca estamos, realmente, preparados para nada. Eu aprendi. E eu sou eternamente grata por isso.

Daysiane:

Antropologia da Educação será certamente a disciplina, juntamente com a professora Bernadete e o Silvio, especialmente, que jamais esqueerei. Talvez até engate em estudos mais aprofundados da Antropologia. Sem exageros. Como solicitado avaliei por ordem o que foi pedido. Primeiramente as quantidades de textos e filmes. Os textos contemplaram o que era abordado em sala de aula, pois percebi que a Bernadete, assim como o Silvio e a Joice, nos trouxeram a proposta de uma visão crítica do que nos rodeia. Contudo, essa visão não foi feita de forma irresponsável ou baseada em achismos, elas tiveram nos textos fundamentos que fortificaram a minha visão de realidade. Os textos tiveram como efeito, para mim, fundamentos para uma visão mais crítica, além de propiciar aprendizagens. Percebi que o Bourdieu foi citado várias vezes em sala de aula, antes de adentrarmos propriamente em sua obra, mas quando finalmente ele nos foi apresentado percebi que deveria ter tido mais tempo para compreendemos e se possível nos apresentar outros textos de sua obra. Com relação aos filmes, gostei de todos; eles contemplaram os textos abordados. A escolha dos filmes e documentários acrescentou bastante no que discutíamos em sala.

Com relação à professora Bernadete não lhe falta elogios, mas acredito que como todo bom profissional gosta de críticas que os façam melhorar, desde que essas críticas sejam coerentes. O que senti falta foi sair das paredes da sala de aula, tornar as aprendizagens mais sólidas com estudos justamente etnográficos. Essa foi a única atividade que pensei que faríamos, mas que não foi possível ser realizada. Os monitores, em especial o Silvio, foi em quem percebi o entusiasmo em compartilhar suas aprendizagens com toda a turma. Nas aulas que ministrou percebi o quanto feliz ele sentia em estar nos apresentando algo que ele acredita, nos passou confiança do que sabia. Como aluna, e tendo essa visão de aluna, só acho que um pouco de pulso firme em sala faria de alguns alunos, inclusive a mim, ter mais responsabilidade na entrega das atividades.

Minha interação com a turma não teve raízes mais sólidas. Como sou aluna um tanto “nômade” não criei laços com a turma. No entanto alguns colegas foram gentis e me ajudaram bastante principalmente nas primeiras semanas, como Adélia, Isabela, Pontes, Allan e a Dayse. Em especial, o Pontes foi alguém que enriqueceu a turma com seus conhecimentos. Espero encontrar esta turma mais vezes.

Como mencionei anteriormente essa disciplina será impossível esquecer. Ela me fez refletir sobre algo que não tinha pensado ainda como o porquê não falar nas aulas. Pois, em outras disciplinas, costumo interagir bastante. E somente com o texto da Lorena Freitas pude compreender como meu silêncio falava mais que minhas palavras. Sentir muitas vezes a professora descrever a realidade do aluno de pedagogia na UFC e saber que aquelas palavras estavam me descrevendo. Muitas vezes me senti num confessionário, porém as minhas fraquezas eram ditas e fundamentadas pela professora. Pode parecer confuso o que tento dizer, mas sentia-me sendo um exemplo concreto do quanto a UFC não está preparada para me receber. Por algo histórico, não sei, mas percebo o despreparo de alguns professores da UFC que não sabem lidar com a realidade social dos seus alunos. Para exemplificar, numa outra disciplina, o professor discursava sobre a realidade das escolas públicas, dizendo “nós, da classe média, temos que estar preparados para o que vamos encontrar nas escolas públicas de Fortaleza!” Mas ele é quem não está preparado para receber seus alunos, em sua maioria oriundo de escolas públicas que não são da classe média! Por fim, e diante de alguns desabafos, termino essa avaliação. Com relação a minha nota e a minha participação reconheço algumas falhas como a minha participação em sala e o cumprimento de prazos. Contudo, reconheço meus esforços diante de muitas dificuldades que passei nesse semestre como minha dedicação nas realizações das atividades. A nota que atribuo a mim seria um grandioso dez, obviamente nenhum aluno deseja ganhar menos que isso, porém sei que não cumpri devidamente com alguns itens criteriosos da avaliação. Por isso deixo a critério da professora juntamente com o Silvio e Joice minha nota. Espero que sejam bonzinhos e justos.

Aloísio:

a. Todos os textos e livros foram muito esclarecedores, para a construção do conhecimento proposto pela ementa da disciplina. A qualidade muito boa, acredito que essa mescla tem caminho certo no processo de aprendizagem.

b. A professora tem o domínio completo das técnicas, para trazer o aluno ao conhecimento da disciplina. A metodologia utilizada é muito boa. No começo, fiquei meio que reservado, quanto ao que você pretendia com os diários. Mas percebi que são de fundamental importância para nós, alunos. Nós percebemos bem mais, a partir da escrita. Quanto a avaliação, também tem tudo a ver com o que a disciplina propõe. Conhecer-se para poder ajudar outros a se conhecer.

c. Os monitores Sílvio e Joice foram muito bem orientados, utilizando as mesmas metodologias que a professora, esclarecedores, nos questionamentos dos alunos, se colocando como iguais, ajudando iguais. Não encaminhei nenhuma correspondência a eles, mas tenho certeza que, se tivesse feito, eles estão preparados para responder os questionamentos.

d. A turma é muito boa, temos muitos alunos novos. Mas, no meio deles, encontramos muita vontade de acertar e crescer. As resistências são normais, em qualquer lugar. E precisamos estar preparados para isso. Minha relação com todos é muito boa. Isso tem ajudado no processo de aprendizado.

e. Esse semestre, pra mim em especial, foi muito difícil. Tive a infeliz ideia de me

matricular em 7 (sete) disciplinas. Isso em si não seria empecilho, para acompanhar, porque os horários são compatíveis. O que ocorreu foi no lado profissional. Tive que viajar, algumas vezes, substituir alguns colegas, que passaram por problemas de doença. E, por último, eu mesmo adoeci, com problema na coluna. Mesmo com todas essas dificuldades, não medi esforços para acompanhar os assuntos. Muitos dos assuntos abordados, me acompanham ao longo da minha reconstrução, logo não encontrei dificuldade. Quanto às leituras dos textos, fiz todas elas, também compreendendo bem a proposta dos mesmos. Sobre os filmes, não vi dificuldades em vê-los. E me levaram a novos questionamentos, a partir da temática da disciplina. Por último, perdi a preguiça de escrever. É, foi isso que aconteceu. Gosto muito de ler e estudar. Mas estava com preguiça de escrever. Obrigado por me despertar.

No geral, por tudo que vi, vivi e fiz, me daria uma nota 8. OBRIGADO!!!!

Isabela:

a. Textos e filmes. Todos os materiais disponíveis durante a disciplina foram de extrema importância para o desenvolvimento dela. A maioria dos textos seguia uma linha de raciocínio específica para explicar o contexto da aula. Os filmes de não ficção ou ficção serviram de introdução para os pontos que foram expostos nos textos e nos artigos. Muitos dos textos foram difíceis, outros fáceis, porém senti que houve uma preocupação em nos ajudar a interpretá-los. Em suma, a quantidade de materiais de apoio serviu para quem realmente não entendeu, ou para uma leitura complementar do conteúdo.

b. A professora demonstrou sensibilidade diante das diferenças culturais existente entre alunos da sala, apesar de conhecer a realidade de cada discente só no decorrer do semestre, respeitou a todos. Demonstra entusiasmo pela sua disciplina, passa segurança no conteúdo que ministra, usou uma linguagem que eu compreendi os conteúdos, conseguiu integrar a teoria com as diversas realidades presentes na sala. Explicou os objetivos da disciplina de forma clara, as aulas eram preparadas de acordo com as reflexões feitas da leitura dos resumos dos diários. Foi receptiva a mudanças e sempre está aberta a novas ideias. Em suma, a docente foi capaz de utilizar os seus conhecimentos e as suas experiências (desde Sumé até a dos Estados Unidos) para desenvolver-se em contextos pedagógicos para nossa edificação.

c. Monitores. Joice acompanhou o processo de criação dos diários, sobretudo no início das aulas. Organizou bem os materiais na página do *facebook*. Mostrou-se receptiva a todas as questões que lhe submeteram, foi pontual; no dia que foi convocada para ministrar a aula, executou bem, falou com bastante segurança sua atuação foi muito boa.

d. Sílvio. Através do seu trabalho de monitoria, conseguiu contribuir pedagogicamente com o meu aprendizado (e de alguns colegas que me relataram aprendizados adquiridos durante suas aulas). Ele integrou as suas perspectivas de didática com a da professora e conseguiu atuar em diferentes contextos: quando era para “discutir” ideias com os alunos não hesitou, quando achou que era necessário mais texto sugeriu, foi seguro, compreensivo e, além do mais, nos fez pensar antes de impor sua cultura. Auxiliou na produção dos trabalhos propostos.

e. A turma. Sem parecer hipocrisia, mas na sua generalidade a turma de 2014.1 sempre conseguiu atingir bons resultados, o respeito e compreender que termos pensamentos diferentes sempre contribui para um convívio harmônico. Apesar de em todo grupo ter as pessoas com quem estreitamos as relações. Nessa disciplina senti que a turma ficou dividida entre satisfação e angústia e foco. A disciplina nos uniu pelas diferenças, no episódio de confrontar a metodologia de avaliação de uma professora, o termo má fé institucional me fez aferir que a turma começou a observar as práticas

abusivas com outra perspectiva. Em particular, tenho duas amigas e um amigo que desistiram da disciplina, porém eles me ajudaram a discutir e refletir os conteúdos da disciplina. Nossas conversas foram fundamentais.

f. Eu. Minha ideia inicial era escrever um texto extra para expressar as minhas angústias e evolução no período da disciplina, porém, como vi que não teria limite de páginas, resolvi escrever aqui mesmo: Durante toda a disciplina de antropologia me comportei em sala de aula de forma mais tímida, calada ouvindo passivamente tudo o que acontecia, um comportamento perfeitamente compatível com de uma aluna que vinha sofrendo uma pressão interna de ser “igual” aos colegas de sala, procurando de maneira alucinada ter desempenho igual ao dos meus colegas, porém no decorrer da disciplina fui compreendendo que ia muito além de esforço e que outros fatores me deixavam um passo atrás dos demais alunos, compreendendo também todo o meu processo de aculturação e como esses mecanismos de autodefesa de chegar e continuar na universidade apesar das dificuldades por mim enfrentadas. Nesse processo de aceitação da minha realidade, percebi que as pessoas que mais sofrem com as dificuldades do meio acadêmico são as que mais facilmente compreendem o pensamento de Bourdieu, pois a sua história traz marcas de má fé institucional e da reprodução das desigualdades.

Esse semestre foi complicado, pois, apesar de ser assídua e atenciosa, não consegui cumprir rigorosamente as atividades na data estabelecida, sempre ocorria algo, primeiro fiquei sem computador, depois sem internet, depois sem os dois, comecei a usar o LACOM, porém esse está sempre fechado. Em geral, com auxílio da disciplina consegui; falar da minha vida pessoal, contar para minhas amigas das minhas dificuldades de escrita (antes tinha vergonha) para a minha alegria uma delas resolveu ajuda-me com reforço nas férias, consegui tirar nota máxima em uma apresentação individual da disciplina de pesquisa (dessa vez eu não quis apresentar copiando os meus colegas, eu encarei as minhas limitações e me “soltei”). E o que julgo mais importante, consegui transportar para minha realidade todos os conceitos propostos pela disciplina. No último encontro da disciplina estava feliz, pois tinha conseguido escrever sobre a minha vida, por ter resgatando memórias que sempre me deixaram triste. Porém, com a fala emocionada da Catarina, comecei a chorar e eu não consegui falar nada. Com certeza eu não vou lembrar-me de tudo, mas os sentimentos vão ficar para sempre. No geral, gostaria de agradecer a professora que com sua dedicação, compreensão e respeito demonstrou a sua entrega e determinação de fazer o seu melhor. Em uma de suas frases, consegui enxergar o tamanho de sua determinação de lutar pelo que acredita. Na minha visão limitada acredito que ela vai sair desse semestre mais forte, pois consigo contemplar sua evolução do início até o final da disciplina.

Ao Silvío, nossa, eu o amo! Mas não como no episódio do meu colega que pediu a professora em casamento! Na verdade eu tenho admiração de como ele consegue ser tão genial sendo uma “metamorfose ambulante”, acredito que é fácil se identificar com ele, eu sempre acreditei que existisse homens e mulheres determinados por uma realidade social melhor, mais ele é ao extremo. Sou grata pela paciência, generosidade, pelos e-mails respondidos (mesmo que depois do Jogo), por seus ensinamentos nas correções das minhas atividades. Em suma, seja um ótimo antropólogo, mas nunca deixe de mediar os conhecimentos em sala de aula. Você é um excelente professor!

***Sugestões:** Partindo da minha dificuldade e da realidade da universidade em atender alunos com dificuldade na fala e na escrita, gostaria de apontar as seguintes sugestões: 1. Direcionar o que dever conter em um bom diário, ou seja, quais aspectos não podem faltar nessa produção. Poderia ser elaborado um esquema com os pontos que

não poderiam faltar nos diários, assim evitaria não ter os elementos mais importantes sobre os conteúdos, em suma direcionar o olhar dos alunos para elementos. Ou simplesmente a leitura de um diário modelo. 2. Alguns dos filmes poderiam ser exibidos em sala, trazendo a discussão no final para que todos participem. 3. Uma oficina de história de vida, em um dia da aula, a dupla poderia escolher um local do campus para ter essa conversa de posse de um esquema pré-definido de perguntas discutido pela turma. 4. Trabalhos em grupos (os grupos devem apresentar um dos textos base ou complementar da disciplina de maneira criativa, faz um seminário, ou um jogo de perguntas ou uma dinâmica que envolva toda turma). A roda de conversa aproximou muito a relação aluno professor poderia haver outros momentos como esse em sala de aula principalmente depois das discussões dos filmes. Aplicação de um questionário online com perguntas (O que você entende o que é cultura?, O que é ser professor? você está no curso que gostaria?) e no final da disciplina fosse respondido as mesmas questões para a professora avaliar quem tinha evoluído.

Professora, as sugestões acima não são críticas, muito menos o que eu senti falta na disciplina, mas eu quero ajudar com o lado prático. Esse semestre fui chamada para atuar como bolsista, só não aceitei devido ao receio de escrever algo errado, se fosse só para cuidar dessa parte de criação e organização teria aceitado até como voluntaria já que já tenho uma bolsa com remuneração e que tenho vontade de atuar na parte de docência, ou seja, colocar a “mão na massa”. Encerro a disciplina conseguindo compreender melhor a universidade enquanto espaço de formação, reconhecendo as minhas limitações, sei que tenho um caminho a avançar e quero atuar sempre em algo que está em construção, nada fixo, quero sempre reconstruir o que já está pronto. No mais eu só posso expressar minha sincera gratidão. Obrigada a todos que construíram a disciplina de antropologia da educação 2015.1!